

Angola é considerada bom mercado

03-07-2013

A Eaglestone pretende investir até 40 por cento de um planeado fundo de energia renovável de 100 milhões de euros (12,620 mil milhões de kwanzas) em projectos em Angola e em Moçambique, usando o conhecimento local para explorar novos mercados

Embora as oportunidades sejam maiores na África do Sul, outras nações da África Subsaariana, onde há um apetite crescente por energias renováveis, incluem os dois países, a Namíbia e Botsuana, de acordo com o que disse em Londres o presidente executivo da Eaglestone, Pedro Neto. “A África subsaariana está prestes a descolar”, disse Pedro Neto, acrescentando que “o crescimento pode ser grande, mas a dimensão dos projectos será diferente da África do Sul, porque eles não têm as mesmas necessidades”. África e o Médio Oriente tiveram o maior crescimento regional em investimentos em energia renovável no ano passado, crescendo 228 por cento, para 1,2 trilião de dólares, de acordo com um relatório de 12 de Junho do Programa de Ambiente das Nações Unidas e da Bloomberg New Energy Finance. A diferença entre as despesas com energia “limpa” entre os países industrializados e em desenvolvimento caiu de 250 por cento em 2007 para 18 por cento no ano passado, disse Pedro Neto. Moçambique está a estudar dois possíveis projectos de energia eólica, enquanto Angola pode desenvolver até 200 megawatts de energia eólica e solar em 2017, como parte de um plano “ambicioso” para aumentar a capacidade total de geração dos actuais 1,2 gigawatts para 6,2 gigawatts. A Agência Internacional de Energia publicou um relatório dizendo que Namíbia, Moçambique e África do Sul estão entre os cinco países com o maior aumento percentual de capacidade de parques eólicos “onshore” até 2018. O vice-presidente da Eaglestone, Nigel Purse, apontou também oportunidades na África do Sul, quando os investidores dos primeiros projectos de energia renovável começarem a vender as suas participações. A África do Sul tenciona acrescentar 3.725 megawatts de capacidade renovável até ao final de 2016 e mais 3,2 mil megawatts até 2020. A Eaglestone começou a angariar há dois meses um fundo que se pretende de 100 milhões de euros numa “joint venture” com a Infraventus Capital Partners. Nigel Purse disse que pretende fechar a primeira fase do negócio no final de 2013 e a segunda em 2014. O fundo pode “facilmente” subir para os 50 milhões de euros, estimou. Embora os investimentos iniciais sejam susceptíveis de ser fora de África, incluindo uma participação de cinco por cento numa carteira de activos australianos eólicos e em três parques finlandeses, o objectivo é colocar metade do fundo em África. Dessa metade, 30 a 40 por cento dos investimentos são destinados a Angola e Moçambique, com o restante na África do Sul, Namíbia e outros países da região. “Temos pessoas no terreno em Angola e Moçambique. Temos uma grande experiência, conhecimento e contactos relevantes para os mercados locais. Faz sentido investir na região”, afirmou o presidente executivo da Eaglestone Pedro Neto.